

# ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST

ANAIS. EST. EDU. BR/CONGRESSO



## POR UMA TEOLOGIA COM PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE FOR A SUBJECTIVE PRODUCTIVE THEOLOGY

Odenicio Junior Marques de Melo

### Resumo

Quando se tenta visualizar os horizontes do movimento evangélico brasileiro na atualidade fica nítida a ausência de uma preocupação em se produzir uma reflexão teológica a partir da ligação com a realidade do país. Este trabalho se propõe a buscar uma interface entre a perspectiva do educador Paulo Freire sobre “educação bancária” em contraste com a “educação libertadora”. E a ideia da teologia Paul Tillich, o método de “correlação”. Com a exposição destes referenciais teóricos os caminhos que a pesquisa seguirá farão uma tentativa de se pensar teologia a partir do contexto brasileiro. Diante dos desafios enfrentados no país, principalmente nas camadas com maiores índices de vulnerabilidade social que respostas temos? A teologia integrada a uma proposta de educação religiosa libertadora pode contribuir na conscientização do ser humano como sujeito de suas ações, que se desdobra na possibilidade de se promover ações com o propósito de intervenções transformadoras no mundo.

**Palavras-chave:** EDUCAÇÃO LIBERTADORA, CORRELAÇÃO, SUBJETIVIDADE.

### Abstract

When trying to visualize a horizon on today's Brazilian evangelical movement. It is clear that there exists an absence of concern about producing a theological reflection that considers the reality of the country. This study proposes the search for an interface between the perspective of educator Paulo Freire about "banking education" in contrast with "liberation education" and the idea of theologian Paul Tillich, the method of "correlation". With the exposure of these theoretical references paths that research will follow an attempt to think theology from the Brazilian context. Along with the challenges that Brazil presents especially within the more vulnerable social class, what answers do we have? An intergraded theology for a proposed religious liberation can contribute in human awareness where all are subjects of there actions and where a path to discovery of the possibilities for promoting actions towards world transformation.

**Keywords:** LIBERATION EDUCATION, CORRELATION, SUBJECTIVITY.

## Considerações Iniciais

A proposta do presente texto é proporcionar um diálogo entre dois autores de extrema relevância para a teologia e para a pedagogia respectivamente; a saber: Paul Tillich e Paulo Freire. Suas reflexões apresentam alguns aspectos que podem ser analisados em uma perspectiva integradora, na construção de um olhar para a teologia como um espaço propício a produção de subjetividade.

A partir da leitura de algumas de suas principais obras iremos tentar na primeira parte fazer uma caracterização do universo teológico e educacional brasileiro, sinalizando em síntese alguns dos principais desafios do universo teológico e educacional no Brasil.

Em face aos desafios encontrados nas respectivas áreas a partir de um olhar sob a ótica de Tillich e Freire, buscaremos uma análise dos seus métodos, e as possibilidades que eles trazem. Tillich com seu método de correlação traz um profundo impacto na teologia de seu tempo, e até hoje ressoa a força de suas intensas abordagens. Paulo Freire com sua visão libertadora a respeito da educação denuncia as estruturas injustas, que sonham às classes menos favorecidas o acesso a uma educação com uma qualidade melhor. Na interface entre os autores vamos tentar encontrar algumas possibilidades que podem auxiliar na prática teológica e educacional libertadoras.

O horizonte teológico que se apresenta após a observação dos desafios no país a partir de um encontro entre Tillich e Freire, é o do diálogo com a realidade. A teologia pode auxiliar e muito na construção de uma prática religiosa mais humana, mais aberta ao encontro com o outro. Não se faz teologia no isolamento, aliás, até se pode fazer. Mas o resultado será a produção uma teologia obsoleta, que não é capaz de se fazer entender. E tampouco tal teologia fechada encontrará espaço num tempo tão marcado pela diversidade e complexidade.

Seria a teologia responsável por produzir subjetividade? A teologia é uma reflexão simplesmente sobre a tradição de certos discursos religiosos que reclamam para si a verdade sobre as mais diversas temáticas relacionadas à vida e seus mistérios? E a pedagogia, será que poderia nos ajudar a lançar luz sobre a compreensão a respeito do ser humano em construção? Ao longo do texto essas questões serão trabalhadas na tentativa de visualizar a importância de uma teologia que produza uma visão de mundo saudável, aberta ao diálogo, ao encontro com as múltiplas formas de vida.

## DESAFIOS TEOLÓGICOS-EDUCACIONAIS ENFRENTADOS NO BRASIL

Em texto apresentado na consulta da FTL (Fraternidade Teológica Latino-Americana) em 2010 Ronaldo Cavalcante lança um olhar sobre o movimento evangélico no Brasil contemporâneo:

Já há um bom tempo, após muitos anos de estudos, pesquisas e reflexões, e a partir de uma performance conhecida, porquanto recorrente, que podemos localizar o problema evangélico brasileiro como sendo o de uma anomalia de identidade. Anomalia que possibilitou uma constatação factual: não sabemos mais quem somos ou o que somos, quer dizer, temos que resolver um dilema ontológico. Esse é de fato um problema estrutural, basilar e de magnitude considerável uma vez que deflagrou problemas corolários imprevisíveis e que para não poucos são também “problemas coronários”, ou seja, um local de situações quase sempre desgastantes, estressantes e mal resolvidas, constituindo-se num espaço de enfermidade exatamente pela acumulação das mesmas.<sup>1</sup>

Quando o fundamentalismo direciona os caminhos a serem seguidos pelas reflexões sobre a fé, o lugar que poderia ser uma rica rede de relacionamentos e comunhão, acaba se tornando um lugar de isolamento. Marcado por um voltar-se para si mesmo, e quando há um olhar para o outro é um olhar de julgamentos envoltos de preconceitos e correções, mas nunca lugar de diálogo.

Nas palavras de Alfonso García Rubio: “o ser humano quando fechado no seu próprio “eu”, tende a viver de maneira meramente funcional e instrumentalizadora todo tipo de relação.”<sup>2</sup> Esse tipo de fechamento em si pode ser destrutivo às relações humanas. E também pode ser perceptível nas relações de espiritualidade “efetivamente, na relação com Deus a atitude da pessoa fechada ainda na sua subjetividade equivale ao comportamento infantil que instrumentaliza o divino em função do próprio interesse e da satisfação das próprias necessidades”.<sup>3</sup>

Essa cosmovisão desequilibrada tem sido o marco do mundo evangélico em nosso país. Há essa dificuldade de reflexão e diálogo. A teologia produzida parece ser uma espécie de imposição, sem muito contato com o mundo ao redor. Como se a igreja fosse um centro e todo o mundo gravitasse em torno dela.

<sup>1</sup> CAVALCANTE, Ronaldo. **Caminhos, Descaminhos e Novos Desafios para a Teologia da Missão Integral e pelo Movimento de Lausanne**. Acessado em: <http://ftl.org.br/new/downloads/CaminhosDescaminhoseNovosDesafiosaTMI-IporRonaldoCavalcante.pdf> No dia 25/07/2014.

<sup>2</sup> RUBIO, Alfonso García. **Elementos de Antropologia Teológica**. Petrópolis RJ: Ed. Vozes 2007, p. 149.

<sup>3</sup> RUBIO, p. 149

Paul Tillich, um dos teóricos que será analisado neste texto, menciona alguns equívocos nas atividades teológicas de certos segmentos de algumas comunidades de fé com essas características de fechamento em si próprias. O primeiro: “é ter de dar respostas a perguntas que nunca fizeram. Quando falamos de Deus, de Cristo, da Igreja [...], são mediadoras de um material incapaz de ser recebido pela mente dos que nunca se fizeram essas perguntas.”<sup>4</sup> A proposta da teologia, portanto, não precisa se fechar em torno de si mesma. Pelo contrário as discussões sobre a fé e suas múltiplas temáticas são um amplo espaço propício à inclusão, à reflexão, aos questionamentos.

A fé não limita a formação dos pensamentos humanos, na verdade ela abre horizontes e caminhos para o diálogo. Um problema ocorre quando a teologia “se movimenta para dentro de si mesma. Podendo se separar da realidade e transformar em algo, por assim dizer, acima da realidade que pretende descrever.”<sup>5</sup>

Tillich fala também sobre alguns perigos para certos tipos de abordagens teológicas que podem ocorrer quando se perde a visão de que as inquietações humanas estão em constante transformação de acordo com seu tempo. Os dogmas confessionais podem servir como pontos de base para o diálogo, mas não como a resposta em si. Esta surge do eixo interpretativo da situação vivencial relacionado aos conteúdos da fé, numa relação de aproximação, nunca de imposição. Há uma ameaça deste sistema se tornar um cárcere: “quando se considera o sistema resposta definitiva e final, ele se torna pior que qualquer prisão.”<sup>6</sup>

Dessa forma, o ambiente encontrado em consideráveis partes do universo evangélico brasileiro é marcado por esse distanciamento do princípio protestante de questionamento, de busca. Cujas raízes e mentalidades deveriam se orientar pela reflexão sobre a fé. “A forma de fé de muitos cristãos hoje da igreja e da sociedade carece do caráter dinâmico que é próprio à fé viva.”<sup>7</sup>

Battista Mondin ao comentar sobre a visão de Tillich a respeito da teologia fechada em si mostra que “os símbolos, os conceitos e a linguagem com que a mensagem cristã é expressa hoje são superados, o homem moderno não os compreende mais.”<sup>8</sup> Nas palavras

---

<sup>4</sup> TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Ed. Fonte Editorial, 2009. p. 205.

<sup>5</sup> TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Ed. Aste, 2000. p. 22.

<sup>6</sup> TILLICH, 2000, p. 19.

<sup>7</sup> TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo RS: Ed. Sinodal, 1996. p. 71.

<sup>8</sup> MONDIN, Battista. **Grandes Teólogos do Século XX**. São Paulo: Ed. Teológica, 2003. p. 112.

do próprio Tillich “os dogmas não deveriam ser abolidos, mas interpretados de tal maneira que não venham a ser poderes repressivos destinados a produzir desonestidade e fuga.”<sup>9</sup> O pensamento teológico que vive em torno de si próprio com sua linguagem inadequada, com suas inquietações obsoletas, talvez não consiga dialogar com as várias formas de vida e suas potencialidades atualmente.

A proposta do presente texto é a produção de uma interface entre as ideias de Paul Tillich e Paulo Freire. Com o que foi exposto acima podemos visualizar em síntese alguns dos problemas e desafios no mundo teológico e conseqüentemente eclesiástico brasileiro.

É possível que essa ausência de reflexão sobre a fé e a difusão dos discursos religiosos prontos, sem um diálogo com a realidade e sem reflexão, fazem com que os teólogos e religiosos que seguem por esses caminhos não tenham a noção da complexidade da vida e toda sua potencialidade. Conseqüentemente eles não percebem vida fora daquilo que eles têm como verdade absoluta, exatamente por esse fechamento em si.

Junto desse problema enfrentado na área teológica podemos perdemos perceber que a educação segundo a ótica de Paulo Freire enfrenta alguns desafios similares. Ele faz algumas abordagens sobre a forma como a estrutura educacional foi sendo traçada no desenvolvimento do Brasil.<sup>10</sup>

Esse grande educador brasileiro, em sua obra “*Educação e Mudança*” fala a respeito do tipo de colonização ocorrida na América Latina, onde de início ele a caracteriza como uma forma de fechamento em si própria, devido aos objetivos que se tinham aqui: “A sociedade fechada latino-americana foi uma sociedade colonial. Em algumas formas básicas do seu comportamento observamos que, geralmente, o ponto de decisão econômica desta sociedade está fora dela<sup>11</sup>.”

A “América Latina” era uma fonte de exploração dos portugueses e espanhóis. Inicialmente não havia um projeto de construção de um lugar melhor para se viver, as questões importantes eram o que esses “novas terras” poderiam oferecer em nível de exploração. Freire continua a dizer sobre esta relação nos primórdios da colonização que a

---

<sup>9</sup> TILLICH, Paul. 2000, p. 23.

<sup>10</sup> Parte do que será falado sobre Paulo Freire encontra-se ao longo de minha Monografia entregue à EST sob o título: *A IMPORTÂNCIA DA LEITURA EM PAULO FREIRE NO CONTEXTO DE AMÉRICA LATINA*, com a orientação do Prof. Dr. Remí Klein.

<sup>11</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. p. 18.

sociedade “nascente” era uma sociedade objeto, não uma sociedade sujeito, ou seja, uma sociedade periférica e não reflexiva<sup>12</sup>.

Desde os primórdios fica evidente que há sempre uma relação de domínio a partir de ações opressoras, onde uma elite se sobrepõe. Paulo Freire percebe esta relação presente na colonização latino-americana como “predatória, e que não forma, não tem um povo, mas massa. E ainda acrescenta dizendo que essa massa “não é uma entidade participante<sup>13</sup>.”

Esse pano de fundo histórico - mostrado de forma bastante resumida - das origens do continente explorado mostram esta relação do surgimento dos problemas atuais enfrentados aqui. Diante do que Paulo Freire chama de “sociedade alienada ou periférica” se constrói alguns problemas bem pontuais.

A política e a análise da sociedade não fizeram, e seguramente podemos afirmar que não fazem parte das preocupações e discussões da grande massa. Pelo que fica evidente desde o início as decisões importantes são sempre frutos da articulação de uma elite e que não tem a participação efetiva dos meios populares. E a forma como a educação vai se desenvolver em solos latino-americanos fornecem uma pista para tentar entender a não participação efetiva e consciente das camadas populares na direção a ser tomada para o desenvolvimento de uma vida plena, e libertadora.

Um artigo da UNESCO que analisa a situação dos jovens das camadas populares - que seguramente são a maioria esmagadora e esmagada - na América Latina lança luz sobre a situação atual das reflexões sobre a educação, o desenvolvimento e as possibilidades de crescimento no continente:

Atualmente, esses atores sofrem um risco de exclusão social sem precedentes devido a um conjunto de desequilíbrios provenientes do mercado, Estado e sociedade que tendem a concentrar a pobreza entre os membros desse grupo e distanciá-los do "curso central" do sistema social. Outro aspecto perverso da vulnerabilidade é a escassa disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos a indivíduos ou grupos excluídos da sociedade. O não-acesso a determinados insumos (educação, trabalho, saúde, lazer e cultura) diminui as chances de aquisição e aperfeiçoamento desses recursos que são fundamentais para que os jovens aproveitem as oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade para ascender socialmente.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> FREIRE, 1983. p. 18.

<sup>13</sup> FREIRE, 1983. p. 18.

<sup>14</sup> ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Ed. Unesco Brasil. p. 33. Acessado em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/ue000077.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ue000077.pdf) No dia 28.05.2014.

Um conceito interessante que retrata um pouco da realidade latino-americana no tocante às possibilidades oferecidas para o desenvolvimento dos indivíduos é: Vulnerabilidade Social que segundo o artigo já mencionado:

[...] é tratada aqui como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores<sup>15</sup>.

A falta de acesso aos meios que permitem o melhor desenvolvimento humano acaba gerando na população uma espécie de alienação. Paulo Freire acreditava que esta alienação provocada pela ausência dessa leitura crítica da realidade, não permitia a visualização de uma possibilidade de transformação. “A sociedade alienada não tem consciência do seu próprio exigir.”<sup>16</sup> Os próprios modelos educacionais que prevalecem nesta sociedade, caracterizada pela alienação, são alguns modelos que se preocupam essencialmente com uma simples transmissão de conteúdos, sem preocupação com a formação de sentido e aplicação.

Neste modo educacional a “aprendizagem” ocorre a partir de narrativas de conteúdos impostos por parte do educador, os alunos acolhem, e assim ocorre o processo. Não obstante, a tarefa do educador nesta perspectiva se dá da seguinte forma: “[...] “encher” conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.”<sup>17</sup> Os alunos por sua vez, se transforma em: ““vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vão enchendo os “recipientes” com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão<sup>18</sup>.”

Isso é uma espécie acentuada de fatalismo, que reduz e empobrece o profundo significado do que é ser humano. A elite dominante tenta eliminar o oprimido como sujeito. Como agente de transformação da própria realidade. “Daí que a educação bancária que a eles serve, jamais possa orientar-se no sentido da conscientização dos educandos<sup>19</sup>.”

---

<sup>15</sup> ABRAMOVAY. p. 13.

<sup>16</sup> FREIRE, 1983. p. 19.

<sup>17</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987. p. 33.

<sup>18</sup> FREIRE, 1987. p. 33.

<sup>19</sup> FREIRE, 1987. p. 35.

Podemos, à guisa de síntese, relacionar esse ponto em comum entre a situação do campo teológico/eclesiástico e a educação no Brasil. Temos, então, lugares marcados pela inacessibilidade ao conhecimento e/ou que transmitem conteúdos em linguagens que não fazem sentido nos contextos aos quais estão inseridos. Deixando de gerar assim profundidade. E não há reconhecimento da complexidade existente nas discussões. As reflexões produzidas nessas áreas podem ocasionar transformações significativas nos caminhos da religião e da educação no Brasil.

### **APROXIMAÇÕES ENTRE PAUL TILLICH E PAULO FREIRE**

Agora surge um universo de possibilidades, pois vamos tentar fazer uma síntese de alguns acentos importantes encontrados nas obras de Paul Tillich e de Paulo Freire. Não há como esgotar os conteúdos que podemos encontrar em suas obras por terem sido profícuos escritores e terem produzido uma vasta obra em suas respectivas áreas.

No entanto, diante dos desafios expostos na primeira parte do presente trabalho, ao analisar esses aspectos nos respectivos autores, vamos tentar perceber de que maneira conseguimos colocar os referenciais teóricos a serviço de uma práxis teológico-educacional libertadora, inclusiva e dialógica.

Inicialmente podemos ressaltar nos referenciais teóricos de Tillich algo que permeia toda sua obra, que é o método de correlação. Ele definindo o método em sua “Teologia Sistemática” diz que: “o método de correlação explica os conteúdos da fé cristã através de perguntas existenciais e de respostas teológicas em interdependência mútua.”<sup>20</sup> Segundo Mondin “o método de correlação afirma a necessidade de pensar qualquer realidade juntamente com outra realidade, na medida em que elas se encontram em relação de dependência recíproca.”<sup>21</sup>

A proposta Tillich traz vitalidade e vigor à teologia, pois ela não seria mais uma voz obsoleta, que as pessoas, que as outras áreas do conhecimento não ouviriam. Há uma complexidade nas diversas áreas do saber, e as respostas produzidas pela teologia e pelos discursos sobre a fé precisam levar em consideração as questões da diversidade de gêneros, a questão de fronteiras e discussão dos variados temas, ou seja, essas complexidades. As

---

<sup>20</sup> TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo RS: Ed. Sinodal, 2005. p. 74

<sup>21</sup> MONDIN, 2003, p. 115.

múltiplas dimensões do saber que proporcionam essa visualização da complexidade dos fenômenos relacionados à vida, segundo este método, deveriam fazer parte da agenda das discussões e pesquisas teológicas.

Outrossim, com esse método a teologia passa a fazer parte do mundo ao qual está inserida, participando de suas inquietações, e tentando traduzir o sentido da fé em todos esses ambientes. A teologia não seria mais um discurso que se coloca como verdade absoluta, impondo ou tentando impor seus dogmas, preceitos e prescrições, mas estaria aberta ao diálogo.

Olson e Grenz ao comentar a obra de Tillich dizem que a teologia deve formular e comunicar seus conceitos de maneira que fale à situação moderna.<sup>22</sup> Eles ainda explicam que com essa perspectiva que Tillich nos traz, se torna urgente a sensibilidade do teólogo à situação. Por situação podemos entender: “o aspecto científico, artístico, as formas econômicas, políticas e éticas através das elas expressam sua interpretação da realidade.”<sup>23</sup> O ambiente de construção da teologia de acordo com o método de correlação de acordo com esse método deveria ser a própria vida, em toda sua intensidade e complexidade.

Outra abordagem feita por Tillich, é a inserção – corajosa e honesta - da possibilidade da dúvida na construção teológica. Ele diz que “as vezes a certeza vence sobre a dúvida, sem jamais conseguir anulá-la completamente”<sup>24</sup>. A dúvida é um elemento importante em qualquer área do conhecimento por levar o ser humano a buscar respostas. A dúvida gera os questionamentos, e com os questionamentos surgem novos horizontes. Quanto mais os horizontes se expandirem, mais se ampliará a visualização daquilo que chamamos de mistério, de eterno, daquilo que nos traz assombro por certos momentos e que nos toca como realidade última. A transcendência que marca um encontro com a imanência.

Tillich pensava que “fé e dúvida tem sido colocadas opostas, exaltando-se a certeza da fé como o fim da dúvida”.<sup>25</sup> Podemos pensar numa dimensão de construção e diálogo, pois a polarização nos remete a uma visão unilateral sobre a realidade, e isso limita a reflexão. “A dúvida não é superada pela repressão, e sim pela coragem. A coragem não nega

---

<sup>22</sup> GRENZ, Stanley. OLSON, Roger. **A Teologia do Século XX: Deus e mundo numa era em transição**. São Paulo: Ed Cultura Cristã. 2003. p. 139.

<sup>23</sup> GRENZ. 2003, p. 139

<sup>24</sup> TILLICH, 1996, p. 65

<sup>25</sup> TILLICH, 1996, p. 66

que a dúvida está aí; mas ela aceita a dúvida como expressão da finitude humana e se confessa, apesar da dúvida, àquilo que toca incondicionalmente.”<sup>26</sup>

Ao dar ouvidos à dúvida, Tillich não deixa seus leitores desesperados, pois mesmo na incerteza, mesmo diante da angústia da finitude, a percepção de que como humanos não somos suficientes em nós mesmos. Todavia, há uma realidade última que toca nosso ser, neste ambiente aparentemente desolador ele aponta a coragem como elemento de superação e que permite o desenvolvimento: “A coragem não precisa da segurança de uma convicção inquestionável. Ela engloba o risco, sem o qual não é possível qualquer vida criativa.”<sup>27</sup>

Outro componente importante na obra Tillich é sua compreensão sobre a vida e o ser humano. Ele reconhecia a vida como o ambiente da “efetivação do ser potencial.”<sup>28</sup> Essa possibilidade de efetivação do potencial que há no ser humano ocorre quando há uma tríade a ser seguida: “*auto-integração*, quando há um aspecto de formação de uma identidade, centralidade; *autocriação*, quando a vida se encaminha em direção ao novo; e *autotranscendência*, quando se percebe a vida em si e para além de si.”<sup>29</sup> Essa perspectiva mostra o entendimento de Tillich sobre o que é ser humano, para ele é ser dotado dessas potencialidade de abertura ao novo, guardando a dimensão de historicidade. É viver em direção ao futuro, construindo o passado a partir das redes relacionais constituídas no presente.

A partir do que foi exposto podemos perceber que a teologia de Tillich traz vida ao discurso sobre a fé. Fazendo com que ela ocupe um lugar de relevância no mundo em transformação, com tantas inquietações. Não há como esgotar aqui o pensamento tão extenso do autor. Agora em perspectiva dialógica vamos buscar em algumas linhas alguns apontamentos na perspectiva educacional de Paulo Freire, na busca dessa interface.

É importante ressaltar a percepção que Paulo Freire tem sobre o ser humano. Ele entendia o ser humano como um ser inacabado. Em sua obra de uma época mais amadurecida, “*Pedagogia da Autonomia*”, o imortal educador brasileiro relata que “ensinar exige consciência de inacabamento.”<sup>30</sup> O que significa essa expressão? O ser humano “não é

---

<sup>26</sup> TILLICH, 1996, p. 66

<sup>27</sup> TILLICH, 1996, p. 66.

<sup>28</sup> TILLICH, 2005, p. 492.

<sup>29</sup> TILLICH, 2005, p. 494.

<sup>30</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996. p. 50.

uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com outros envolvidos num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo. Somos seres insatisfeitos com o que já conquistamos.”<sup>31</sup>

Freire ao falar sobre as possibilidades que os ser humano traz em si por ser humano diz que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.”<sup>32</sup> Esse perceber-se em construção, quer dizer, inconcluso, abre possibilidades e horizontes para a transformação da realidade, sempre em direção de uma convivência melhor. Não há uma realidade estática, uma realidade de conformidade, sem questionamento.

Embora os opressores das várias camadas de poder queiram transmitir essa cosmovisão a partir de uma educação de meras transmissões de informação, na proposta educacional do educador dos oprimidos, há uma irrupção de uma nova maneira de se enxergar a vida. Onde o ser humano tem a possibilidade de se perceber no mundo como alguém que carrega consigo inúmeras formas de escrever sua história e construir seu caminho.

É preciso uma ruptura radical com a ideia do fatalismo, de uma visão estática da vida, que se contenta com qualquer coisa. Antes, o que temos ao falar sobre a inconclusão e inacabamento do ser humano na obra de Paulo Freire é a prova de que através da educação o ser humano sempre está diante da possibilidade de crescimento e transformação.

Ao procurarmos pontos de contato entre esses dois autores, precisamos ter em mente que eles são de áreas apesar de próximas, distintas. No entanto, há fecundas maneiras de se fazer essa confluência de maneira natural.

Inicialmente podemos mencionar o método de correlação de Tillich com a maneira como Paulo Freire levava em consideração a formação do aluno. A correlação conforme vimos fala da importância do discurso teológico fazer sentido aos ouvintes, e Freire falava da importância de se levar em consideração a formação cultural do educando, para que o ensino fizesse sentido, e não meramente uma transmissão de conteúdo vazia e sem utilidade prática.

---

<sup>31</sup> STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte MG: Ed. Autêntica, 2008. p. 221.

<sup>32</sup> FREIRE. 1987, p. 33.

A questão da dúvida abordada na teologia de Tillich e a pedagogia da pergunta de Freire também podem ser colocadas em sintonia. Pois o ser humano é ser de transcendência, é ser expansivo. Essa inquietação ao movimento de sempre questionar, em sua busca por respostas faz com que exista o desenvolvimento, a superação.

A ambiguidade como marca do ser humano proposta em Tillich e a noção de inconclusão em Freire, apontam para esta realidade do ser humano como um ser aberto ao novo, sempre redescobrimo outros caminhos, o ser humano não cabe em si mesmo, essa capacidade criativa pode inclusive ser colocada como uma das marcas da imagem do Criador que caracteriza o ser humano.

Diante dessas aproximações caminhamos para a terceira parte do trabalho que irá tentar identificar como fazer teologia com produção de subjetividade, a partir desse encontro entre Tillich e Freire.

### **POR UMA TEOLOGIA COM PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE**

Poderíamos pensar na construção de uma teologia com produção de subjetividade? Ou devemos ficar paralisados diante do fatal destino da produção teológica que simplesmente reproduz discursos aprisionados aos tempos passados, que não se reinventam e buscam um diálogo com o presente, lançando olhares para o futuro.

O que se propõe não é uma ruptura com a dimensão histórica da existência. Porque a história mostra o caminho percorrido até chegar ao hoje. Deixar de lado a história é impossível, pelo fato de o hoje só ter existido, porque existiu o ontem.

É necessária antes de qualquer avanço, uma tentativa de definição sobre o que é subjetividade nesse contexto. Sem dúvidas subjetividade é uma palavra essencialmente polissêmica. Gonzáles-Rey, citado por Soares e Miranda, entende que “a noção de subjetividade é um sistema complexo e plurideterminado, afetado pelo próprio curso da sociedade e das pessoas que a constituem, dentro de um contínuo movimento nas redes de relação que caracterizam o desenvolvimento social”.<sup>33</sup>

As reflexões relacionadas à questão da produção de subjetividade tem sua força no fato de reconhecer a dimensão da individualidade do ser humano a partir das interatividades

---

<sup>33</sup> SOARES, Leonardo Barros. MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades: o que significa?** Rio de Janeiro: UERJ. 2008. Acessível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html> No dia 23/07/2014.

deste com suas redes relacionais. E, essas reflexões procuram entender também a respeito de como esse aspecto da formação da cosmovisão do indivíduo vai se construindo. A maneira como o ser humano percebe o mundo está diretamente relacionada com aquilo que serviu como base na formação de sua compreensão do mundo. Produção de subjetividade, nesse contexto pode ser então “tudo aquilo que concorre para a produção de um “si”, um modo de existir, um estilo de existência.”<sup>34</sup>

Ao pensar em teologia como produtora de subjetividade, a partir do encontro entre Tillich e Freire, podemos visualizar o quão decisivo é a compreensão que o ser humano tem a respeito da vida em toda sua multidimensionalidade. O ser humano tem a consciência de que está inserido na realidade. Tillich diz que “todo ser participa da estrutura do ser, mas só o ser humano está imediatamente consciente dessa estrutura.”<sup>35</sup>

Esse estar no mundo é de extrema importância para Tillich, porque através dessa consciência o ser humano percebe o mundo, e se percebe em relação com esse mundo, o que gera a compreensão. “A compreensão não é a posse de algo, mas a apreensão de uma possibilidade de ser. É compreendendo que o homem se situa e projeta suas possibilidades.”<sup>36</sup>

Assim podemos entender em Tillich a fé como um elemento imprescindível para a construção de uma visão sadia sobre a vida e tudo aquilo que a compõe.

Quanto ao aspecto subjetivo tudo depende do grau de abertura de uma pessoa para o poder da fé e da força da paixão de sua preocupação suprema. Essa abertura é uma dádiva e não pode ser provocada intencionalmente, ela é o que a religião chama de graça.<sup>37</sup>

Como há uma proposta de interface, não poderíamos deixar de mencionar alguns desdobramentos sobre a questão da subjetividade em Paulo Freire. Ele pensa no ser humano como aquele que é sujeito de si. Há um conjunto de características que constitui a essência daquilo que cada ser humano é, ou se tornará. A proposta educacional deve apontar caminhos para que o educando venha se descobrir no mundo.

A educação opressora, que gera uma subjetividade fechada, se coloca de forma autoritária, taxativa e acaba transgredindo um princípio de valores de construção do ser que

<sup>34</sup> SOARES, 2008.

<sup>35</sup> TILLICH, 2005, p. 178

<sup>36</sup> GOTO, Tommy Akira. **O Fenômeno Religioso: a fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Ed. Paulus, 2004. p. 107.

<sup>37</sup> TILLICH, 1996, p.71.

como consequência limita o aluno, o deixa com possibilidades reduzidas, retirando a autoconsciência de autonomia e liberdade.

O entendimento desta autonomia, numa perspectiva libertadora da educação, pensa no ser humano como sujeito em formação. A educação será aquela que mostra novos horizontes. Será a potencializadora, que irá, em parceria com o aluno construir o conhecimento, e não levar informações prontas. A educação assim se dará através de um desvelamento e de descobertas, um saber que vai sendo tecido, e não meras informações depositadas.

Pode-se afirmar com José Fernando Kieling que

essa questão do ser humano como sujeito do processo histórico é algo central nas reflexões de Paulo freire. [...] A relação com o mundo se constitui num movimento, constituído exatamente pelas possibilidades diversas inseridas pela intervenção e criatividades de sujeitos.<sup>38</sup>

Nas palavras do próprio Freire: “o conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face ao mundo, requer sua ação transformadora sobre a realidade.”<sup>39</sup> É necessário levar em consideração que na relação dialógica entre pessoas, principalmente na dimensão educacional, há sempre um compartilhar de experiências, e a aprendizagem deveria ser construída no entendimento e percepção de que o educando é sujeito que traz consigo um caráter de multidimensionalidade e potencial. E ainda ressalta que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito que o homem pode realmente conhecer.”<sup>40</sup>

Uma proposta educacional que desconsidera a questão da subjetividade, aliena e limita o ser humano. Segundo Cecília Irene Osowski o ser humano que

ao não reconhecer em suas condições de humanização, nem em suas condições de revolucionário, não consegue colocar-se em favor dos oprimidos, criticando e criando, refletindo, decidindo e transformando o mundo e a realidade que o cerca, juntamente com os demais que assumiriam como sujeitos também.<sup>41</sup>

Diante desse encontro que percebe o ser humano como alguém consciente de estar no mundo, e assim alguém que pode transforma-lo da melhor forma, podemos pensar numa proposta teológica libertadora, que se propõe ao diálogo. Uma teologia que não tem suas bases em respostas prontas, mas que está em expansão, pois o conhecimento sobre Deus

<sup>38</sup> STRECK. 2008. p. 381.

<sup>39</sup> FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977. p. 27.

<sup>40</sup> FREIRE. 1977. p. 27.

<sup>41</sup> STRECK. 2008. p. 383.

não se esgota em uma confissão. Deus dá pistas sobre si, ele se revela, mas o ser humano não tem como obter todas as respostas sobre o *mysterium tremendum*. Esse reconhecimento faz com que a produção teológica se torne mais humilde, mais humana, pois percebe sua desoladora finitude diante do infinito.

Há em nosso tempo um campo fértil para as reflexões sobre a fé, e essas reflexões podem produzir uma subjetividade marcada pela abertura ao mistério divino, ao próximo, à criação e inclusive uma abertura para si.

O discurso teológico nessa perspectiva não se coloca acima dos outros campos do saber, mas se coloca lado a lado, porque ele não é esgotado, apesar da tradição e da dimensão histórica. Ele vai se expandindo na medida em que o ser humano.

Quando pensamos em uma teologia com produção de subjetividade, a partir do fecundo encontro entre Paul Tillich e Paulo Freire somos desafiados e pensar sobre a vida como o ambiente de crescimento, de desenvolvimento. Podemos encerrar essa parte do trabalho dizendo que a teologia e a educação brasileira podem ser feitas de um jeito diferente. Tanto a teologia quanto a educação podem trazer sentido para a existência, podem ser instrumentos para que fronteiras de gêneros, econômicas, sociais e religiosas venham ser ultrapassadas, fazendo do lugar onde estamos um lugar melhor.

### **Considerações Finais**

A teologia pode sim ser responsável por produzir subjetividade. De acordo com o que foi visto no texto apresentado o Brasil passar por sérios desequilíbrios quanto à situação da produção teológica, bem como na questão educacional. A ausência de reflexão pode ser considerada a maior marca da educação teológica no país hoje.

No entanto, temos conforme visto na abordagem sobre os métodos de Paul Tillich e Paulo Freire, meios para fazer com que a teologia não fique isolada em seu mundo, paralelo ao mundo real. A partir de uma perspectiva da correlação e do entendimento a respeito de como o ser humano é dotado de uma capacidade de transformar sua realidade a partir do encontro com novas maneiras de perceber as várias possibilidades encontradas na vida, surge um horizonte de esperança, em meio ao caos teológico-educacional brasileiro.

Esse horizonte de esperança é sustentado pelo fato de a teologia produzir subjetividade. A teologia não está fechada na tradição teológica de determinadas identidades confessionais. A teologia não está estática e condicionada a reproduzir discursos

obsoletos diante de um mundo extremamente cheio de complexidades e fatos extraordinários em diversas áreas do saber. A teologia produz vida. A teologia produz abertura. A teologia cria pontes de diálogo, pois ela versa sobre algo de fundamental importância ao ser humano, não só de nosso tempo, mas de todos os tempos, ela versa sobre a fé.

Desenvolver reflexões sobre a fé é entender o potencial que há na vida. Há um campo fértil para um discurso saudável sobre a fé. Vivemos um momento cheio de oportunidades para a construção de uma teologia marcada por uma produção de sujeitos capazes de ver a vida de fé com responsabilidade, e assim, fazer com que as discussões sobre a relação do ser humano com a fé ocupem lugares relevantes na sociedade, não só nos ambientes religiosos.

Em vista do que foi exposto podemos concluir dizendo que a teologia de Tillich em diálogo com a pedagogia de Paulo Freire traz essa possibilidade de não só fazer uma reflexão sobre um mundo melhor, mas, com esses referenciais teóricos somos desafiados a sair em ação para a construção dessa realidade mais humana e compassiva. A questão da produção de subjetividade a partir da teologia nos impulsiona a não ficarmos conformados com a realidade, mas buscarmos soluções concretas, nossa reflexão teórica só terá sentido quando traduzida por atitude.

## Referências

### Livros:

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1977.

----- . **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983.

----- . **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

----- . **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

GOTO, Tommy Akira. **O Fenômeno Religioso: a fenomenologia em Paul Tillich.** São Paulo: Ed. Paulus, 2004.

GRENZ, Stanley. OLSON, Roger. **A Teologia do Século XX: Deus e mundo numa era em transição.** São Paulo: Ed Cultura Cristã, 2003.

MONDIN, Battista. **Grandes Teólogos do Século XX**. São Paulo: Ed. Teológica, 2003.

RUBIO, Alfonso García. **Elementos de Antropologia Teológica**. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2007.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte MG: Ed. Autêntica, 2008.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo RS: Ed. Sinodal, 1996.

----- . **História do Pensamento Cristão**. São Paulo: Ed Aste, 2000.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo RS: Ed. Sinodal, 2005.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Ed. Fonte Editorial, 2009.

#### Artigos:

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas**. Ed. Unesco Brasil. p. 33. Acessado em: [http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/ue000077.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/ue000077.pdf) No dia 28.05.2014.

CAVALCANTE, Ronaldo. **Caminhos, Descaminhos e Novos Desafios para a Teologia da Missão Integral e pelo Movimento de Lausanne**. Acessado em: <http://ftl.org.br/new/downloads/CaminhosDescaminhoseNovosDesafiosaTMI-lporRonaldoCavalcante.pdf> No dia 25/07/2014.

SOARES, Leonardo Barros. MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades: o que significa?** Rio de Janeiro: UERJ. 2008. Acessível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html> No dia 23/07/2014.